

RUAS DE ESTAR - o turismo em minha poética artística

Michele Martines[1]

Eu tinha dezenove anos quando ingressei no curso de Graduação em Artes Visuais na então inaugurada Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Ali iniciei minha produção sistemática em pintura. Os cursos de artes da UERGS foram sediados na Fundação Municipal de Artes de Montenegro, cidade onde nasci, cresci, e, portanto, graduei-me. Para tornar-me mestre em Artes Visuais realizei um pequeno deslocamento, indo estudar na Universidade Federal de Santa Maria, também no interior do Rio Grande do Sul. Desde o início de minha atividade artística desenvolvo um trabalho prático no qual busco atribuir diferentes pontos de vista sobre as experiências cotidianas dos habitantes em relação ao espaço que habitam, explorando questões sociais e antropológicas, ligadas à cultura contemporânea. Durante dez anos a *mise en scène* apresentada em minhas telas explorou espaços privados: quartos, cozinhas, salas, banheiros.

Aos vinte e nove anos busquei realizar minha primeira residência artística no exterior. Foi no Centro de Artes CAMAC, na França. Tendo contato

[1] Michele Martines - 1982. Montenegro/RS.
Artista Visual. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2010) e graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2006). Realizou diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios 3º Salão de Artes Plásticas de São Leopoldo (2016); Concurso Garimpo Revista DasArtes (2015), MMBH de Arte contemporânea (2013), II Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea (2012), 20º Salão Jovem Artista RBS - Santa Maria (2008), Incentivo a Criatividade no 17º Salão de Artes da CMPA (2006). Possui obras em coleções e acervos, como Museu de Artes do Rio Grande do Sul e Ministério das Relações Exteriores (DF). Site: www.michelemartines.com

MARTINES, Michele. RUAS DE ESTAR - o turismo em minha poética artística. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.201-204, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



com outra cultura, outro idioma, outras paisagens. A segunda experiência nesse sentido foi no México, Residências Artísticas por Intercâmbio – R.A.T. Nesses programas de residências artísticas fui mais estimulada a vivenciar o local, do que a produção propriamente dita. Foram muitos os momentos de deambulação pelas ruas, com aparelho fotográfico, registrando tudo que atrai o olhar. Fiz amigos nativos que por vezes me acompanharam e chamou-me atenção uma frase: “estou sendo turista na minha cidade”.

Ao retornar desses deslocamentos, algo havia mudado em minha percepção relativa ao lugar que sempre me foi comum. Somado ao olhar da pintora, atento as nuances de cores e as formas, buscava exercer o olhar curioso de turista na região em que sou nativa. O teórico de arte Michel Baxandall aponta que o nativo “consegue agir no âmbito dos padrões e das normas culturais sem pensar conscientemente sobre elas, a rigor, sem mesmo formulá-las como padrões.”[2] O nativo possui sensibilidade espontânea, enquanto o observador precisa decodificar os padrões e normas antes de poder explicitá-las. Conforme o autor, o observador parte da comparação, ele tende a colocar em evidência o que lhe parece peculiar ou diferente.

No plano pictórico passei a interpretar o espaço público urbano, partindo de registros fotográficos realizados em passeios pela cidade, que utilizo como referência para construção de quadros cênicos na pintura. A arquitetura, o design, a sinalética urbana, as personagens e situações são apropriadas para o meu universo artístico, onde o tratamento cromático e a simplificação das formas modificam a estrutura do real gravado pelo recorte fotográfico. Os “Orelhões” e as “Caixas de Coleta dos Correios”, por exemplo, destacaram-se para mim como característicos da paisagem urbana brasileira. Nesse início de século, com a popularização da tecnologia, tais elementos atuam praticamente como objetos decorativos das cidades. O foco em certos

[2] Michel Baxandall, **Padrões de intenção**, p.147. 2006.



elementos da paisagem propõe um diálogo entre arte e antropologia, compreendendo conceitos relacionados ao contexto histórico-sócio-cultural no qual as obras estão inseridas.

Simultaneamente a essas pinturas de cenas urbanas, passei a desenvolver a série “Pequenas Soluções”. Obras confeccionadas com recortes de caixas de papelão, material coletado nas ruas, que exploram a imagem da criança, propondo a reflexão sobre a importância da educação em compromisso com o futuro. Utilizo fragmentos de papelão como suporte das obras, justapondo de imagens e textos, explorando possibilidades de efeitos estéticos e relações cognitivas dos elementos que compõem cada obra: suporte, pintura, palavra, ícones gráficos, etc. A caixa de papelão tem como função primordial proteger mercadorias. Com frequência esse material é visto nas ruas, utilizado por moradores de rua ou papeleiros que coletam o material para reciclagem.

A exposição Ruas de Estar, realizada em outubro de 2018 na Galeria Loide Schwambach, foi composta por obras das séries “Cenas Urbanas” e “Pequenas Soluções”. No contexto da exposição, o diálogo entre as duas séries colocou em questão a cidade que habitamos. Além da atividade artística, há um ano estou atuando como Diretora de Turismo em Montenegro. Oportunidade impar de olhar a cidade sobre nova perspectiva. Um olhar compromissado em buscar melhorias num período agudo de crise econômica, política e social. Ao caminhar pelas ruas de Montenegro, “Cidade das Artes, capital do tanino e da citricultura”, chama atenção o lixo espalhado. Nesse sentido, Ruas de Estar reafirma que o espaço público é tão nosso quanto nossos espaços íntimos. Gostamos de estar em lugares limpos, seguros, arborizados.

A obra que abre a exposição, “No seu lugar”, é composta por uma pintura e a projeção de uma sombra adesivada na parede. A silhueta, tal como os personagens da pintura, indica a ação de varrer. A proporção exagerada e a presença física de

MARTINES, Michele. RUAS DE ESTAR - o turismo em minha poética artística. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.201-204, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



uma vassoura convidam o visitante a simular a ação, situando seu corpo frente à sombra projetada, como se fosse a sua. Essa proposição pretende estimular o espectador a colocar-se no lugar do outro, representado na pintura, bem como a reflexão sobre o compromisso de cada cidadão com a cidade que reclama para si.

MARTINES, Michele. RUAS DE ESTAR - o turismo em minha poética artística. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.201-204, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.